

CASA VELHA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS RAUL ETULAIN

CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

IARA BELELI – IARA LIS SCHIAVINATTO – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

Machado de Assis

CASA VELHA

Apresentação e notas

Paulo Franchetti

FICHA CATALOGráfICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

As76c Assis, Machado de, 1839-1908.
Casa Velha / Machado de Assis; apresentação e notas Paulo
Franchetti. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2023.

1. Ficção brasileira. I. Franchetti, Paulo. II. Título.

ISBN 978-85-268-1598-8

CDD - 869.341

Copyright © by Paulo Franchetti
Copyright © 2023 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade dos autores e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

SUMÁRIO

Apresentação	7
Casa Velha	29
Notas biobibliográficas	145

APRESENTAÇÃO

Paulo Franchetti

Casa Velha foi publicada de modo seriado, em 25 partes, na revista *A Estação*, entre janeiro de 1885 e fevereiro de 1886.

O lugar

A Estação, que trazia como subtítulo “Jornal ilustrado para a família”, foi, a princípio, um suplemento em português da revista francesa *La Saison*. Em virtude da sua larga aceitação, a partir de 1879 passou a ser impressa em português, como revista, e destinada majoritariamente ao público feminino, trazendo às brasileiras os figurinos e as notícias da moda europeia. De entremeio, vinham poemas, bem como contos e romances em folhetins (isto é, em capítulos ou partes avulsas).

Hoje, com a informatização, é fácil ter acesso à publicação original no endereço que se pode aces-



No 2

— 30 de Janeiro de 1885 —

XIV^o Anno

PREÇO DA ASSIGNATURA	
BRAZIL:	
CORTE, por anno	12\$00
PROVINCIAIS, por anno	14\$00

EDITORES-PROPRIETARIOS:
LOMBAERTS & COMP.
Agencia Geral para Portugal:
Luis de ALMEIDA, S. A. - Porto

PREÇO DA ASSIGNATURA	
BRAZIL:	
CORTE, MANUSC.	12\$000
PROVINCAS, MANUSC.	14\$000

CRONICA DA MODA

Lia-se, entretanto, que durante a época mais brilhante do reinado de Luiz XIV, rei de França, um dos meios de maior culto tinha recostado, as suas elites que frequentavam todas as festas e animas da corte, exercícios violentos de corpo para restabelecer a circulação do sangue e desenvolver a força física, destruída pelos excessos diários.

Na nossa época, esses exercícios intermináveis não são mais substituídos pela gymnastica, pela equitação e pela eginima, todos igualmente salutares para a saúde, visto que todas as pessoas que d'ellas tem feito uso tem obtido magníficos resultados; por este motivo, estes tres exercicios se acham hoje geralmente em moda. Para estes exercicios tem-se imaginado muitas especies, bonitas e muito curiosas, que se semelham aos jogos de crianças, e são para elles uniformes.

A gymnástica, assim apreciada pelos antigos e uma ciência que tem por fim desenvolver os membros e ao corpo qualidades que eles não têm naturalmente, e desenvolver as que eles possuem, por meio da execução de movimentos violentos. Faltamos da sua eficacidade quando tratamos da questão d'hygiene para os cronopios. Actualmente as lições de gymnastica são tão seguidas por todos os homens que desejam alcançar agilidade nos seus movimentos, desenvolver as suas forças com treinos de salto, exercícios em grandes aparelhos.

O costume especial para a ginecologista deve ser pouco farto, porém largo bastante para não estorvar os movimentos do corpo; compõe-se para as croupas, de uma calça curta e de uma blusa de punso cinto, que se põdo granvenc com botões de plástico de aligado de cê; ajusta-se ao talhe por meio de um largo cinto, o qual segura o corpo, que se fixa por tiras a fivela com fivela.

1. **Vallotte** com arrejo

obtidos por essas lições necessárias à saúde, e quando não fosse senão por hygiene, aconselharia a gymnastica a todas as minhas caras leitoras que deagor deixam das fadigas de estudos pesantissima, bem como dos praezos, das vigílias e dos banhos da presente estação.

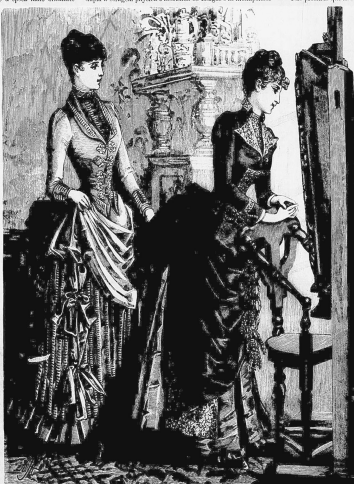
Quando bem dirigida, esta ciência dá ao corpo força, graça e elegância; desenvolve as formas, procura uma brilhante saúde, ensina a coexistência física e acostuma às fadigas e às intemperies.

quasi esquecida durante muito tempo o hoje geralmente cultivada e ocupando um lugar de honra.

Não pretendo que as senhoras que aparecem a seguir, se herço luteiro à espada ou ao sabre, longe de mim há pensamento; a seguir considero simplesmente como um exercício corporal, não existindo nenhuma mais preocupação e mais completo. Não continuarei, portanto, a insistir no desenvolvimento de um movimento a inteligência do mesmo modo que o corpo, todas as facilidades se encontram em jogo e se observam simultaneamente no ataque e na defesa, ou o fim de receber e assegurar

[illegible][illegible]

fechada de lado por meio de botões dourados, e coração de veludo azul, cercado por ordem de trança d'ouro. O plastrão e a leva são de pelle de bafão e a máscara de fio d'ago.



1. Telleste con arruolare card

1 e 2. Toilettas cassinas e para sarau

Para o molde, vide o desenho 20

1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 2680, 26

O pequeno espaço de que disponho não me permite fallar-lhes hoje das vantagens da equitação. Dir-lhes-hei antes algumas palavras acerca da esgrima, essa arte da idade-géolia, aperfeiçoada pela observação desconfiada o

sar por este código. Vale a pena fazer uma visita, ainda que as cores dos figurinos se tenham perdido na digitalização, para melhor compreender a época e as circunstâncias de publicação da obra que estamos comentando.



Uma primeira observação que é possível fazer a partir da consulta aos arquivos da revista é que quando Machado se dirige, no interior de seus textos, à “leitora”, embora o uso possa ser irônico, é ainda uma referência precisa ao público preferencial daquele tipo de publicação. Outra observação é que, dado o lugar em que o texto vem, o cuidado no tratamento dos temas mais sensíveis ao público familiar e feminino do Brasil do século XIX era uma imposição prática.

O público

Creio que é possível supor que a crítica virulenta que Machado fez ao romance de Eça de Queirós *O Primo Basílio*, em 1878, traz implicadas a eleição e a manutenção de um contingente leitor importante para a sobrevivência do escritor e para, no limite, a constituição da literatura brasileira.



A maior parte dos estudiosos que trataram dessa crítica a Eça e ao “Realismo” agarra-se à condenação da objetividade naturalista, deixando na sombra uma parte dos argumentos de Machado: a que procede de uma postura conservadora.

A questão da falta de complexidade psicológica das personagens de *O Primo Basílio* é talvez a mais importante no seu texto, mas para concordar com Machado nesse ponto não é preciso fazer de conta que a sua crítica não erga, contra o erotismo acentuado do romance de Eça, argumentos moralistas, em nome do papel desejável que a literatura deveria ter na vida social. Por exemplo, nesta passagem:

Se eu tivesse de julgar o livro pelo lado da influência moral, diria que, qualquer que seja o ensinamento, se algum tem, qualquer que seja a extensão da catástrofe, uma e outra coisa são inteiramente destruídas pela viva pintura dos fatos viciosos: essa pintura, esse aroma de alcova, essa descrição minuciosa, quase técnica, das relações adúlteras, eis o mal. A castidade inadvertida que ler o livro chegará à última página, sem fechá-lo, e tornará atrás para reler outras.

Não me parece exagero ver nessa “castidade inadvertida” a figura de uma parcela significativa do público previsto de revistas como *A Estação*. Nem na aposta na influência moral e no ensina-

mento uma perspectiva ilustrada, que não se sustenta quando aplicada às obras posteriores do próprio Machado.

Outro dado a considerar: o texto da crítica a *O Primo Basílio* foi publicado em duas partes. Entre uma e outra, defensores do “Realismo” saíram em defesa do romancista português. Um deles, justamente ressaltando o moralismo machadiano, apresenta como antecedente ilustre de Eça o livro bíblico do *Cântico dos Cânticos*. Machado, na segunda parte do seu texto, não se dá por vencido e responde desta forma:

Sobre a linguagem, alusões, episódios, e outras partes do livro, notadas por mim, como menos próprias do decoro literário, um dos contendores confessa que os acha excessivos, e podiam ser eliminados, ao passo que outro os aceita e justifica, citando em defesa o exemplo de Salomão na poesia do *Cântico dos Cânticos* [...]. Ou recebeis o livro, como deve fazer um católico, isto é, em seu sentido místico e superior, e em tal caso não podeis chamar-lhe erótico; ou só o recebeis no sentido literário, e então nem é poesia, nem é de Salomão; é drama e de autor anônimo. Ainda, porém, que o aceiteis como um simples produto literário, o exemplo não serve de nada.

Para entender o lugar de onde fala Machado de Assis nesse texto, é preciso lembrar o que o autor tinha publicado até então.

O primeiro Machado de Assis

No momento em que recusa tão convictamente o “Realismo”, Machado tinha produzido os seguintes romances: *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), o último dos quais estava sendo lançado quando *O Primo Basílio* chegou ao Brasil.

Independentemente da avaliação da qualidade literária desses títulos, está claro que até esse momento Machado vinha construindo uma obra dentro das balizas da literatura de extração romântica. E, de fato, ao mesmo tempo que recusa a “escola” a que se filia Eça, que praticaria uma arte impura, expõe o veio que julga o melhor, mais edificante e mais rico esteticamente.

Seu argumento se constrói sobre a necessidade de temperança, de equilíbrio. O mal do romance e da atitude de Eça não estaria em ser “realista”, mas sim no fato de que “Eça de Queirós não quer ser realista mitigado, mas intenso e completo”.

Essa adesão aos princípios da nova escola, por fim, não lhe parece tão ruim, porque se o autor de o “Primo Basílio” teimar em persistir nesse caminho,

[...] o Realismo na nossa língua será estrangulado no berço; e a arte pura, apropriando-se do que ele contiver aproveitável (porque o há, quando se não despenha no excessivo, no tedioso, no obsceno, e até no

ridículo), a arte pura, digo eu, voltará a beber aquelas águas sadias, d'O *Monge de Cister*, d'O *Arco de Sant'Ana* e d'O *Guarani*.

Não creio ser preciso apontar para o duplo sentido do adjetivo “pura” (ênfático pela repetição) com que qualifica a arte, reforçado pela oposição entre as águas insalubres do “Realismo” e as sadias do Romantismo. Mas vale a pena destacar a ideia de que seria possível aproveitar algo da nova escola para continuar a boa tradição. Ou seja, o mais nocivo no “Realismo” é o seu caráter disruptivo. E aqui, neste momento, vemos um ponto em comum entre Machado e o velho Antonio Feliciano de Castilho, que ele, em 1875, tinha louvado como “o poeta egrégio, o mestre da língua, o príncipe da forma”, autor de “tantas páginas de eterna beleza”, cuja “imensa obra” lhe garantia a imortalidade. Do meu ponto de vista, não seria exagero dizer que, para o Machado de 1878, como para o Castilho de 1870 (quando da famosa Questão Coimbrã), faltariam à escola nova bom senso (pois Eça insistiria no excessivo e no ridículo) e bom gosto (por conta do abuso das descrições minuciosas e, principalmente, pela exploração do tal aroma de alcova).

O artigo de Machado, publicado num periódico católico, revela o impacto que foi o sucesso avassalador de *O Primo Basílio* junto ao público

brasileiro e o alvoroço da crítica que ele provocou. Tudo sugere que, por conta disso, Machado foi levado a reavaliar o rumo da sua própria ficção, que se vinha construindo numa linha que podemos denominar propriamente como romântica, como mostra o trecho em que aponta a origem do veio que ele julgava continuar. Ou, para usar o termo de sua crítica, como obras de “realismo mitigado”.

A situação da obra

De fato, data precisamente de 1878 um episódio bem conhecido na vida de Machado: ele vive então uma crise de saúde (que tendo a ver também como crise literária), recolhe-se a Nova Friburgo e lá teria ditado à mulher as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em que o adultério é tratado como caso banal, principalmente porque encarado e narrado a partir de um ponto de vista masculino, por um cínico morto meio canalha, sem sombra do que Machado reclamava de Eça, ou seja, uma “forte acentuação moral”.

A partir desse momento, afirma-se aquilo que usualmente se define como a maneira, o modo particular de compor que reconhecemos como próprio e distintivo de Machado e que recobrimos com

a designação convencional de “segunda fase”. Entre outras características fortes, a partir daí, podemos referir a ironia, o “humour”, a reflexão sobre a narrativa e a escrita, a interpelação do destinatário, a notação acurada das oscilações psicológicas, a convocação de muitas referências culturais (nem sempre exatas ou fiéis), a perspectiva desencantada com o indivíduo e a sociedade.

Uma questão que tem suscitado alguma discussão no que diz respeito a *Casa Velha* é o seu pertencimento a uma ou outra dessas fases. Na verdade, não nesses termos. O que se discute é se essa novela foi escrita em momento próximo à sua publicação ou se foi escrita muito antes de publicada.

Uma grande estudiosa da obra machadiana, Lúcia Miguel-Pereira, que descobriu *Casa Velha* em *A Estação* e a publicou em volume pela primeira vez em 1944, julgava que se tratava de texto antigo, que foi inserido na revista para cumprir compromisso, isto é, garantir a continuidade do pagamento por colaborações. Um dos argumentos em apoio a essa postulação seria o fato de Machado nunca ter recolhido essa obra em livro nem ter feito posterior menção a ela. Motivo pelo qual ficou esquecida e permaneceu desconhecida do público por mais de meio século após a sua publicação.

Mas é na própria estrutura e forma de organização do texto que Miguel-Pereira identifica o des-

locamento. Embora publicada em 1885, diz ela, a novela é animada por “uma visão de mundo que já não era então a do seu autor”. Por fim, ela repara que, como nos romances da primeira fase, *Casa Velha* manifesta um desígnio edificante. De fato, esse desígnio é claro e está sumarizado na frase com que se encerra a narrativa, postulando a exemplaridade dos protagonistas: “Se ele e Lalau foram felizes, não sei; mas foram honestos, e basta”.

Por fim, a crítica anota que

[...] são os temas antigos que formam a estrutura de *Casa Velha*. Lalau, a heroína, é irmã de duas Helenas, a do livro deste mesmo nome e a do conto “Frei Simão”, da Guiomar de *A mão e a luva*, da Estela de *Iaiá Garcia*, de todas as donzelas que lutaram ao mesmo tempo pelo amor e pela ascensão social.

Já John Gledson, que revalorizou *Casa Velha* e lhe atribuiu um estatuto semelhante ao do elo perdido em arqueologia, acredita que essa novela foi escrita em momento próximo à sua publicação e que ela tem um lugar programático na obra madura machadiana.

Para ele, o conjunto dos romances da segunda fase foi composto de tal forma que o período da história brasileira compreendido entre 1805 e 1889 ficasse todo representado por duplas de romances. É um pressuposto óbvio dessa visada que existe em

Machado um projeto (consciente ou inconsciente, modaliza o crítico inglês) de interpretação da sociedade brasileira.

Da sua perspectiva, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880) e *Casa Velha* (1885) constituem o primeiro bloco: ambos estariam centrados no momento caracterizado por “uma oligarquia segura de si, baseada na escravidão”. A seguir vem a dupla *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899), que aborda o período de crise do sistema escravista e ascensão de uma nova classe média. Por fim, o terceiro bloco é composto por *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908), romances que mostrariam “a impossibilidade de uma transformação do Brasil em benefício do seu povo”.

Esse “projeto” machadiano de composição por duplas reforçaria a aposta de Gledson em que *Casa Velha* integrasse a chamada “segunda fase”, porque cada uma dessas duplas teria vindo a público numa mesma década, como disposto acima: *Casa Velha* e *Memórias Póstumas* na de 1880; *Quincas Borba* e *Dom Casmurro* na década de 1890; e, finalmente, *Memorial* e *Esaú e Jacó* na primeira do século XX.

É uma proposta engenhosa, mas, se fosse assim e se fosse esse o projeto, por que motivo Machado deixou *Casa Velha* soterrada nas páginas da revista? Por que não a publicou com as honras que lhe seriam devidas em forma de livro?

Gledson parece ver no fato de que se trataria de uma narrativa em primeira pessoa outro ponto que lhe permitiria embasar sua recusa à posição de Miguel-Pereira e situar a composição de *Casa Velha* em data próxima à das publicações que constituiriam o tal “projeto”. Mas não é um argumento forte.

Os romances de maturidade de Machado são os cinco acima relacionados. Em primeira pessoa, temos as *Memórias*, o *Dom Casmurro* e o *Memorial*. *Quincas Borba* é narrado em terceira pessoa, por narrador não representado e onisciente, e na técnica e na forma de conduzir o enredo parece uma tentativa de retomar o fio de evolução de sua obra que fora interrompido pelas *Memórias* e por *Dom Casmurro*. Já *Esaú e Jacó* tem uma caracterização ambígua, pois tanto o narrador suposto é o próprio Aires, quanto o autor que se teria apropriado dos seus diários e anotações e os teria usado para compor uma narrativa em prosa contínua e em terceira pessoa.

O que é mais interessante, nesse conjunto, entretanto, são os narradores-autores, isto é, os narradores representados como autores dos seus livros (Bentinho, Brás Cubas e Aires). Dentre esses, merecem destaque os que nos são apresentados como autores durante o processo de escrita do que esta-

mos lendo (Bentinho, que tematiza a escrita ao longo do romance, e Aires, cujas palavras são anotações em um diário). Não é, pois, característica desses romances a narrativa em primeira pessoa, simplesmente. Se há algo que de fato é notável é termos aí narradores-escritores (ou reescritores, no caso do ambíguo narrador de *Esau e Jacó*).

A configuração da obra

De mais a mais, a rigor é inexato dizer que *Casa Velha* é uma novela ou um conto em primeira pessoa. Temos ali um narrador que abre a narrativa e que, com uma simples frase, apresenta o segundo narrador e lhe passa definitivamente a palavra. Há mesmo nisso alguma singularidade, pois a narra-



tiva não é uma narrativa “pura” em primeira pessoa, como se dá, por exemplo, no conto “Missa do Galo”, no qual uma voz narrativa simplesmente inicia e termina a narração

sem nenhuma qualificação prévia, sem se dirigir a qualquer indivíduo em particular.

Também não é um relato dirigido a quem ficaria encarregado de o transcrever, como é o caso de “O enfermeiro”. Não se configura tampouco



como narrativa em primeira pessoa feita por narrador representado, em interação com outras personagens, como encontramos, por exemplo, nos contos “Adão e Eva” e “O espelho”. *Casa Velha* é um relato escrito, estruturado em capítulos, mas que é apresentado, pela voz que inaugura a narrativa, como algo “contado”: “Aqui está o que contava, há muitos anos, um velho cônego da Capela Imperial”.

De minha parte, quanto à época de escrita do texto, estou com Lúcia Miguel-Pereira: creio que foi produzido bem antes de sua publicação. Ou, pelo menos, quando a segunda maneira de Machado de Assis ainda não se tinha definido.

Examinando a publicação na revista *A Estação* parece claro que o corte do texto em capítulos não é, por assim dizer, funcional. Explico: quando lemos, no mesmo periódico, “O Alienista”, vemos que o modelo seguido é o do folhetim: cada fascículo (por assim dizer) coincide com um fim de capítulo, e cada capítulo de texto escrito para publicação seriada encerra com um “gancho”, ou seja, encerra em suspensão, para fazer o leitor aguardar com curiosidade pelo próximo desenvolvimento.

No caso de “Casa Velha” não consegui perceber lógica nos cortes. Nem do ponto de vista da criação de suspense ou interesse, nem do ponto de vista da necessidade narrativa. Quero dizer: a mim parece